



UnB

Danglei de Castro Pereira  
Rosana Cristina Zanelatto Santos  
(orgs.)

# **A INSUSTENTÁVEL LEVEZA: A LITERATURA E SUA ANÁLISE**

**Brasília 2021**



*TeL*  
Departamento de Teoria  
Literária e Literaturas

© Danglei de Castro Pereira e  
Rosana Cristina Zanelatto Santos, 2021

Capa:

*criação: Bruna Costa Nogueira*

*arte-final: Conceição*

Projeto gráfico e diagramação:

*Conceição | Ivete T. S. Conceição*

**Conselho Editorial:** *Altamir Botoso – UEMS*

*Ana Crélia Penha Dias – UFRJ*

*Augusto Rodrigues da Silva Junior - UnB*

*Cilaine Alves Cunha – USP*

*Geraldo Vicente Martins - UFMS*

*Rita Olivieri-Godet - Université de Rennes 2*

*Rogério da Silva Lima - UnB*

*Susanna Busato – UNESP*

*Wellington Furtado Ramos – UFMS*

**Editora**

*Universidade de Brasília*

*Departamento de Teoria Literária e Literaturas*

159 A insustentável leveza : literatura e sua análise / Danglei de Castro Pereira, Rosana Cristina Zanelatto Santos (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2021.  
256 p. : il. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-893-50-03-3 (impresso)

ISBN 978-65-89350-02-6 (e-book)

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Literatura - História e crítica.  
3. Dialogismo (Análise literária) I. Pereira, Danglei de Castro (org.). II. Santos, Rosana Cristina Zanelatto (org.).

CDU 82.09

# SUMÁRIO

Apresentação.....5

**Meu tio lauaretê em aberto**

*Rosana Cristina Zanelatto Santos*..... 11

**Denúncia e dialogismo em Canumã: a travessia**

*Delma Pacheco Sicsú*

*Danglei de Castro Pereira*.....29

**O(s)vendedor(es) de passados: construção de identidades históricas na literatura e no cinema**

*João Luis Pereira Ourique* .....65

**As mulheres da década de 30: marginalização e violência**

*Camila Fernandes Costa*

*Marta Aparecida Garcia Gonçalves*.....95

**Memórias da exploração em Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior**

*André Rezende Benatti*..... 131

**Os limites do permitido: transdeliramentos, traduções e intertextualidade na poesia de Douglas Diegues**

*Ângela Cristina Dias do Rego Catonio* .....157

## APRESENTAÇÃO

<b>O processo de mimesis na construção literária de Ana Miranda: o caso Gregório de Matos</b> <i>Claudia Letícia Gonçalves Moraes</i> .....	187
<b>A linha de sombra da crítica latino-americana</b> <i>Lucilo Antônio Rodrigues</i> .....	213
<b>A vez e a voz do vilão: novos exercícios de alteridade</b> <i>Adriana Lins Precioso</i> <i>Henrique Roriz Aarestrup Alves</i> .....	229

O texto, esse, é atópico, senão no seu consumo, pelo menos na sua produção. Não é um falar, uma ficção, nele o sistema está desbordado, desfeito (esse desbordamento, essa defecção, é a significância). Desta atopia ele toma e comunica a seu leitor um estado bizarro: ao mesmo tempo excluído e pacífico. Na guerra das linguagens, pode haver momentos tranqüilos, e esses momentos são textos ('A guerra, diz uma das personagens de Brecht, não exclui a paz... A guerra tem seus momentos pacíficos... Entre duas escaramuças, pode-se esvaziar muito bem um canecão de cerveja...'). (BARTEHS, 1999, p. 41).<sup>1</sup>

Um breve histórico se faz necessário: o Grupo de Pesquisa Historiografia literária, Cânone e Ensino (GPHCE) surgiu em 2012, certificado inicialmente junto à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e, depois, junto à Universidade de Brasília (UnB), com a participação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Contamos com pesquisadores/as das IESs já referidas, bem como com colegas da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Pelotas

<sup>1</sup> BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SEQUERA, Guilherme. *Kosmofonia Mbya Guarani*. Org. Douglas Diegues. São Paulo: Mendonça & Provazi Editores, 2006.

STURZA, Eliana Rosa. **Fronteiras e práticas linguísticas:** um olhar sobre oportunhol. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 2, n. 1 (3), Políticas da Linguagem no Brasil (2004), p. 151-160. Publicado por: Iberoamericana Editorial Vervuert. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41678205>. Acesso em 22 mar. 2021.

**ANGELA CRISTINA DIAS DO REGO CATONIO** é professora de Teoria Literária, Literatura Brasileira e Literatura Lusófona na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Mato Grosso do Sul. Graduada em Letras – Português/Inglês pela UCDB, é Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Doutora em Literatura e Vida Social pela UNESP/Assis. Foi coordenadora do Programa de Línguas UCDB Idiomas e hoje é coordenadora do Curso de Graduação de Letras Presencial e EAD dessa Universidade. Atualmente, participa como pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Historiografia Literária, Cânone e Ensino” (GPHCE) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria Sócio-Histórica, Migrações e Gênero.

## O PROCESSO DE MÍMESIS NA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA DE ANA MIRANDA: O CASO GREGÓRIO DE MATOS

*Claudia Letícia Gonçalves Moraes*

Universidade Federal do Maranhão-UFMA/PG-UnB/ FAPEMA

*claudiamoraes27@gmail.com*

### Introdução

A produção literária brasileira contemporânea, que em muitos casos segue uma longa tradição voltada para as relações interdisciplinares como fonte de criatividade para autores, traz em seu bojo um profícuo diálogo entre literatura e outras áreas de conhecimento. Assim, esta pode ser pensada como um espaço de recriação histórica que faz com que determinadas realidades, acontecidas em tempos passados, possam voltar a emergir, sendo recriadas a partir de dois pontos fulcrais: reconstrução da linguagem e síntese estética proporcionada pela obra literária (BASTOS, 2011).

Isto posto, é interessante analisar a literatura brasileira produzida atualmente, principalmente a que se embasa no conceito de metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991), para subverter a história oficial a partir de um processo de mimesis proposto pela autora cearense Ana Miranda, respectivamente em duas obras que versam sobre a vida do poeta Gregório de Matos Guerra – **Boca do Inferno** (1989) e

**Musa Preguejadora** (2014), considerando duas dimensões principais: a aproximação da autora com fontes históricas primárias e, em contrapartida, como estas fontes ao mesmo tempo em que influenciam diretamente sua escrita ficcional também dão ensejo à uma nova perspectiva da história literária do Brasil. As duas obras apresentam abordagens a partir de perspectivas diversas – a primeira é um romance totalmente imerso na ficcionalidade, baseado nas intrigas romanescas envolvendo a política no cenário do Brasil colônia em que habitaram personagens históricas como Gregório de Matos e Padre Antonio Vieira, ficcionalizados no panorama da Bahia seiscentista. Já a segunda é uma biografia romanceada de mais de 500 páginas de extensão que se foca no arco completo da existência do poeta barroco Gregório de Matos, desde suas origens em Portugal até sua morte na cidade de Recife, contando com trechos puramente biográficos e trechos ficcionais criados pela autora.

Para empreender a análise literária aqui proposta utilizaremos como fundamentação teórica as proposições do historiador Peter Burke (1997). Para ampliar a discussão e o método de compreensão de novas formas de apreender o passado e de empreendimento do romance histórico nos será útil a leitura de Linda Hutcheon (1991) e de Lukasz Grützmacher (2006). No âmbito dos estudos literários utilizaremos como base Alfredo Bosi (2013, 1992) para problematizar e discutir as aproximações e diferenças entre literatura e história, além de João Adolfo Hansen (2004) em seu vasto estudo sobre o Barroco brasileiro.

## 2. Literatura e história em entrecruzamentos interdisciplinares

A literatura, compreendida como objeto cultural que cria representações de épocas, experiências e valores distintos, pode ser lida pelo historiador na medida em que apresenta determinados nós que precisam ser elucidados por este profissional para se compreender as condições que possibilitaram a existência e materialidade do texto literário em determinado tempo histórico, bem como suas mais diversas formas de interpretação ao longo do tempo. Por outro lado, a literatura também emerge como possibilidade de uma composição textual que tem o passado como fonte para sua criação, alicerçando novas formas de pensar o tempo passado, mas também e sobretudo o tempo presente (SARLO, 2007).

O passado enquanto constructo pode levar em consideração, no âmbito da história, fontes escritas como leis, livros, relatórios, registros, cartografias, iconografias, jornais e revistas, impressos dos mais variados tipos. Assim, estes objetos empíricos existem também no intuito de que recaiam sobre eles determinados procedimentos e que legitimam as instituições que fazem os tempos remotos palpáveis por meio de documentação que comprova sua existência, objeto mesmo de seu ofício. O passado, que nas palavras da crítica argentina Beatriz Sarlo (2007) é sempre conflituoso, apresenta-se a partir de uma chave de interpretação bastante vasta, sobretudo pelo entendimento de que se trata de uma instância em constante disputa simbólica, em um jogo de significados que dialogam e duelam entre si.

Nestas incursões históricas sobre o passado é importante pensar a partir das colocações de Alfredo Bosi, que compreende o campo ficcional como um espaço em que toda realidade historicamente comprovada, que possivelmente dá lastro aos acontecimentos de um romance com fundo histórico, está inevitavelmente subordinada à mimesis, ao imaginário, a um regime que não corresponde nunca de forma plena aos acontecimentos reais ou históricos (BOSI, 2013, p. 224). Para o autor:

O romancista não mente nunca, porque ele efetivamente está mexendo com representações da imaginação que podem, ou não, ter um conteúdo empírico historicamente atestado. Mesmo que maciçamente seja documentado o fato que ele está contando, o regime do texto no seu conjunto é de ficção.

Assim, eximido da responsabilidade de comprovar a verdade histórica em seu texto, o romancista tem liberdade para a criação artística mesmo que esta esteja diretamente vinculada a um momento histórico ou a um regime de verdade. No tocante a isso é importante frisar que mesmo a pesquisa histórica feita para a constituição romanesca de alguma trama ficcional serve apenas como pano de fundo para o enredo que está mais intrinsecamente ligado ao regime de ficção, passando pelo filtro da subjetividade autoral.

Esta colocação nos auxilia na medida em que faz pensar na literatura e na história como constituídas discursivamente (PESAVENTO, 2008), o que nos permite

lançar nossa análise sobre as relações discursivas criadas por Ana Miranda para retomar a vida do poeta barroco Gregório de Matos por duas vezes em obras distintas e com processos de criação também diferenciados entre si: em **Boca do Inferno** (1989) a autora cria uma trama ficcional que é também uma forma de recriar a História se valendo de uma intensa relação com a intertextualidade, que faz a ponte entre a história da literatura e o processo de ficcionalização da cena literária como marca indelével da produção da autora. Já em **Musa Praguejadora** (2014), voltado mais claramente para uma biografia do autor, ainda é possível identificar traços não tradicionais dentro do âmbito biográfico (ARFUCH, 2012), já que a autora lança mão de um recurso em que inclui trechos romanceados da vida do autor destacados em itálico no corpo da obra entremeados à biografia, o que nos leva a questionar o próprio processo de escrita como elaboração discursiva sempre pautada em um recorte da realidade que nunca corresponde ao fato verídico em si.

Essa intensa combinação entre fatos reais e criação ficcional abre espaço para reflexões sobre as aproximações interdisciplinares entre literatura e história, propondo um percurso para alicerçar esta investigação no sentido de compreender ambas as escritas – histórica e literária – como projetos de apreensão das experiências humanas lançando mão das forças de representação do passado.

No que tange aos entrecruzamentos que estabelecem diálogos entre campos distintas das Ciências Humanas, visando dar respostas às indagações sobre a existência humana e suas relações com modos de pensar, refletir e recriar o passado, seja histórica ou literariamente, a

historiadora Sandra Pesavento faz a seguinte ponderação:

[...] são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto [...]. (PESAVENTO, 2003, p. 32).

É fundamental notar que nos interstícios da literatura contemporânea, principalmente em relação às produções literárias que possuem fronteiras fluidas com a história, existe uma preocupação sobretudo em buscar significados, criar representações e possíveis interpretações do aparato simbólico de determinado momento histórico, considerando que as atividades de ler e escrever sobre o passado estão tão presas ao tempo como quaisquer outras (BURKE, 2008).

### **3. Tensões pós-modernas e novas formulações literárias: expressões do Romance Histórico na atualidade**

Os romances escritos no período conhecido como pós-modernidade apresentam maior flexibilidade para interpretar fatos históricos, pois, contrariamente aos textos clássicos em que a escrita ainda exigia certo compromisso com a “verdade”, nos romances pós-modernos questiona-se esta verdade num constante tensionamento entre ficcional e histórico, subvertendo a ordem estabelecida dos fatos e desestabilizando as formas e métodos como o passado foi discursivamente constituído pelo campo da História. De acordo com o posicionamento de Fernando Aínsa (1991, p. 83), uma característica relevante do romance histórico está na releitura e reescritura da história feita pela ficção: “Em que a literatura é capaz de afirmar com franqueza e senso crítico o que a história não pode ou não deseja fazer, dando voz ao que [...] a história negou, silenciou ou perseguiu.”<sup>17</sup> (AÍNSA, 1991, p. 83).

Nessa abertura de horizonte, o novo romance histórico apresenta enredos que enfatizam o caráter que tanto pode ser imprevisível quanto cíclico da história, dando vazão à possibilidade de acontecimentos os mais inesperados. Há, também, a possibilidade de que os acontecimentos ocorram mais de uma vez, de forma símile e em épocas diferentes, dando resposta à noção de

<sup>17</sup> Tradução nossa. Versão original: “[...] en que la literatura es capaz de plantear con franqueza y sentido crítico lo que no puede o quiere hacer la historia [...] dando voz a lo que la historia ha negado, silenciado o perseguido.” (AÍNSA, 1991, p. 83, tradução nossa).

tempo progressivo e linear das culturas ocidentais. Esta vontade de reinterpretar o passado, de fazer releituras da história pode se apresentar como parte do objetivo de descolonizar mentes e imaginários (MALDONADO-TORRES, 2018), tal como aponta a proposição do novo romance histórico latino-americano (MENTON, 1993; AÍNSA, 1991), ou de repensar criticamente este mesmo passado, através da paródia, pastiche, alusão e citação, num jogo ficcional que se dobra sobre si mesmo, como aponta a proposta da metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991).

De todo modo, é interessante notar como estas propostas, atuando ao revés da proposição de György Lukács em seu clássico **O Romance Histórico** (1936), trabalham no sentido de contestar criticamente verdades históricas, abrindo caminho para novas possibilidades no campo literário, o que reflete a disposição autoral para pensar e criar histórias alternativas que estão sempre em embate direto com a história oficial. Neste escopo juntam-se claramente certa crítica à modernidade e ao eurocentrismo que guiou as diretrizes do romance histórico tradicional (AÍNSA, 1991).

A atual crítica sobre as renovações do romance histórico tende a observar como os autores concentram-se no tema histórico como modo de questionar e reescrever versões do passado, quebrando com o fluxo de grandes narrativas que se alinhavam historicamente com o ponto de vista dos colonizadores, da cultura hegemônica. Desta forma, Ana Miranda em seus romances sobre o poeta seiscentista Gregório de Matos pretende não só questionar essa versão do passado legitimada pela historiografia oficial, mas sobretudo ressignifica-la por meio de uma nova

concepção da história contada a partir do ponto de vista dos marginalizados, dos baixos estratos sociais, dialogando diretamente com o que o historiador inglês Peter Burke denomina de “história vista de baixo” (BURKE, 1992).

Na biografia romanceada **Musa Praguejadora** (2014) este recurso é utilizado em larga escala, no manejo dos dados biográficos e com relação à poesia de Gregório de Matos, que é passível de dúvidas autorais, acrescentando-se a isso a proposta ficcional da própria autora<sup>18</sup>, a qual não podemos perder de vista. Isto fica claro em vários trechos, desde o princípio da obra, tal como segue (2014, p. 9):

Relê, de um em um, os poemas, e os vai separando por assunto. A maioria é de cópias em letras desconhecidas, são poucos os de seu próprio punho. Muitos estão transcritos com a caligrafia primorosa do escrevente do palácio. Mas reconhece a maior parte dos versos, alguns anotados com pequenos erros, que corrige. Diversos desses poemas ele não escreveu, são horríveis, e os rasga, deixa apenas os de sua lavra. Um ou outro, ele não se recorda muito bem ter escrito, mas são bons, e os conserva. (2014, p. 9)

A autora aqui nos apresenta um Gregório de Matos ficcional visivelmente cansado, no final da vida, revisitando

<sup>18</sup> Vale ressaltar que em **Musa Praguejadora** (2014) a autora optou por escrever partes romanceadas seguidas de partes documentais. A marcação da diferença está no tipo de grafia: as romanceadas estão em itálico ao longo de toda a obra.



seus poemas e em dúvida em relação à sua própria autoria. Trata-se de uma produção contemporânea que traz em sua composição características do novo romance histórico e da metaficção historiográfica muito presentes, considerando duas condições específicas para sua permanência: precisa, antes de tudo, se saber ficção – e Miranda em muitas entrevistas deixa claro que seu trabalho é ficcional, e não histórico – e, para além disso, se fundamentar em fatos históricos que são extensamente comprovados por meio das notas ao fim das duas obras em que a autora explicita cada uma de suas fontes.

Vale ressaltar, no caso de **Boca do Inferno**, romance de estreia da autora, que este reúne inúmeras características que predominam na chamada metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) e no novo romance histórico (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993), considerando que histórico e ficcional estão unidos para urdir a trama que gira em torno do assassinato do alcaide-mor Francisco Teles de Meneses: o tom satírico, no melhor estilo gregoriano, se faz presente desde a abertura do romance e ao longo de toda a reconstrução histórica na composição literária, além da intertextualidade com as obras dos dois autores barrocos que figuram no romance: o protagonista Gregório de Matos Guerra e o Padre jesuíta Antonio Vieira.

Na concepção de Linda Hutcheon, em obra denominada **Poética do Pós-Modernismo** (1991), é essencial fazer uma distinção entre os acontecimentos e os ditos “feitos históricos”, considerando que os primeiros realmente tiveram lugar em algum momento da nossa história, mesmo não sendo mais acessíveis à nossa experiência contemporânea; já os segundos, tendo caráter narrativo,

são construídos por escritores ou historiadores, aqueles que de certa forma estão em um local privilegiado de fala. A partir desta colocação inicial, Hutcheon (1991, p. 22) chamou de metaficção historiográfica a narrativa que, de forma autorreflexiva, portanto metaficcional, se apropria de “acontecimentos e personagens do passado”. Para Hutcheon não é possível determinar a natureza concreta dos acontecimentos, uma vez que só temos acesso a vestígios, materiais ou não, e a partir daí temos a possibilidade de transformá-los em fatos, em narrativas que se pretendem representações de um recorte da realidade. Assim, a ficção metahistoriográfica questiona a veracidade do discurso histórico e exterioriza sua condição de “constructo discursivo”. Na perspectiva de Hutcheon (*apud* GRÜTZMACHER, 2006, p. 150-151):

[...] Não há diferença fundamental entre a criação de eventos ficcionais em uma obra literária e a construção dos chamados “eventos históricos” em um texto historiográfico. As metaficções historiográficas não apenas, como toda narração, constroem fatos, mas os questionam imediatamente e mostram seu caráter subjetivo e provisório<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> Tradução nossa. Versão original: “no existe una diferencia fundamental entre la creación de los *hechos* ficticios en una obra literaria y la construcción de los llamados *hechos* “históricos” en un texto historiográfico. Las *metaficciones historiográficas* no sólo, como toda narración, construyen unos *hechos*, sino que enseguida los cuestionan y muestran su carácter subjetivo y provisional (HUTCHEON *apud* GRÜTZMACHER, 2006, p. 150-151).

Linda Hutcheon afirma que o processo de transformação dos “acontecimentos” (feitos históricos) em narrativa é um ponto crucial na literatura pós-moderna, levando em consideração o caráter subjetivo que envolve este procedimento mediado pela linguagem. A constituição do conceito de metaficção historiográfica traz como proposição o mérito de participar nos questionamentos sobre a versão “oficial” da história, mas ao mesmo tempo tendendo à obsessão em equiparar, nas suas tramas, história e ficção. Observa-se, portanto, o *modus operandi* que orienta a crítica literária: os investigadores tanto encaminham suas análises no sentido de apontar onde literatura e história convergem, quanto também utilizam essa dupla etiqueta como fórmula para despertar o interesse dos leitores. Para Hutcheon (1991), esta “presença do passado” serve como instrumento para questioná-lo ou mesmo remodelá-lo, e o romance de cunho histórico, denominado pela autora de metaficção historiográfica, vem a serviço deste propósito.

Na biografia romanceada **Musa Praguejadora** (2014) este recurso é utilizado em larga escala, no manejo do biográfico e com relação à poesia de Gregório de Matos, que é passível de dúvidas autorais, acrescentando-se a isso a proposta ficcional da própria autora<sup>20</sup>. Isto fica claro no trecho que retrata a chegada do governador Antonio de Sousa de Meneses, ornada pela poesia de cunho satírico do autor e depois explicada por Miranda (2014, p. 242-243, grifo do autor):

<sup>20</sup> Vale ressaltar que em **Musa Praguejadora** (2014) a autora optou por escrever partes romanceadas seguidas de partes documentais. A marcação da diferença está no tipo de grafia: as romanceadas estão em itálico ao longo de toda a obra.

*Quando desembarcaste da fragata,  
Meu Dom Braço de Prata,  
Cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua  
Mandava a Inquisição alguma estátua  
Vendo tão espremida salvajola  
Visão de palha sobre um Mariola.*

A sátira descreve a chegada do Braço de Prata à Bahia, carregado por um criado, parecendo um espantalho, e lhe faz um galhofeiro retrato: rosto afogueado, cabelos brancos, corpanzil cheio como um saco de melões, o braço de prata pendendo da garganta, bigode ralo, cabeleira comprada no Arco dos Pregos – onde moravam prostitutas em Lisboa -, óculos grosseiros, nariz largo e quase cobrindo a boca [...] Fundia-se a cidade em gargalhadas, diz a sátira, vendo as duas entradas do governador, desde o mar até o colégio de santo Inácio, e depois do colégio até o palácio do governo. (MIRANDA, 2014, p. 242-243).

Cabe observar que este trecho da poesia de Gregório de Matos já fora anteriormente citado em **Boca do Inferno**, no segundo capítulo da obra denominado “O Crime”, quando os insurgentes estão planejando o assassinato do alcaide-mor da cidade da Bahia:

No colégio dos padres Gregório de Matos escreveu: “Quando desembarcaste da fragata, meu dom Braço de Prata, cuidei, que a esta cidade tonta, e fátua, mandava a Inquisição alguma estátua, vendo tão espremida salvajola

visão de palha sobre um mariola.  
Sorriu, e entregou o escrito a Gonçalo Ravasco. Gonçalo leu-o, gracejou, entregou ao vereador.  
O papel passou de mão em mão.  
“A difamação é o teu deus”, disseram, rindo.  
(MATOS, 2016, p. 37).

Em duas perspectivas é trazida a imagem do governador Antonio de Sousa de Meneses: primeiro pela pena satírica de Gregório de Matos, que em grande parte de sua poesia faz choça das autoridades da colônia de modo a ridicularizá-las da forma mais irreverente por meio de sua poesia. Logo em seguida Ana Miranda explica a inspiração da poesia: o desembarque do governador e as primeiras impressões que causou nos moradores da Bahia. Esse tipo de narrativa, que privilegia um revés de histórias oficiais, as ditas “grandes narrativas”, contribui para a criação de histórias contadas de forma “extra-oficial”, destacando a participação daqueles colocados à margem da história e retirando do pedestal a imagem dos que sempre foram tratados com reverência de heróis, como é o caso do governador recém nomeado da capital da colônia.

As narrativas literárias que dialogam com a história se fundamentam nas discussões que permeiam as relações entre os campos em questão, tomando este tipo de ficção não apenas a partir do enquadramento clássico do romance histórico, mas também aventando as possibilidades de análise de romances que, não sendo históricos nos moldes tradicionais, adotam um viés histórico como pano de fundo de suas narrativas para traçar também uma biografia

romanceada de autores importantes da fortuna crítica brasileira.

Estas narrativas de cunho controverso, porque sempre contestatórias, atacam a crítica literária e incitam o surgimento de novos paradigmas dentro da análise literária que deem conta de dialogar de maneira rigorosa e coerente com estes novos empreendimentos literários. No caso de Ana Miranda (1989; 2014) mergulhamos na vida privada do poeta tanto quanto na sua vida literária, de onde a autora extrai fragmentos importantes para modular uma imagem não só de seu protagonista, poeta maior do período Barroco brasileiro, mas também de Antonio Vieira como o mais importante sermonista da época. Assim, as especulações fantasiosas, aliadas à pesquisa histórica, são farta matéria prima para o fazer ficcional que contesta e reconta tanto a história oficial quanto a história da literatura brasileira.

#### **4. Gregório de Matos Guerra e a Bahia do seiscentos brasileiro: reconstrução por meio da mimesis**

Em **Boca do Inferno** (1989) é interessante observar a ênfase que a autora dá à Cidade da Bahia, àquela época capital do país e local de conflitos e de ambiguidades onde vivem o poeta barroco Gregório de Matos Guerra, o padre Antonio Vieira e outras personagens históricas retomadas ficticiamente por Miranda numa intriga que entremeia, em sua urdidura, fatos históricos e ficção. **Boca do inferno**, portanto, se apresentou como romance com fundo

histórico, lastreado na pesquisa documental que a autora fez para trazer o poeta barroco como protagonista. Este interessante empreendimento literário também traz fortes características da intertextualidade, marcadas pela profusa interrelação que faz entre literatura e história.

Nesta incursão pelo Barroco brasileiro a autora destaca inúmeras vezes a imagem da Cidade da Bahia como de capital importância na formação e nas influências sobre a escrita de Gregório de Matos Guerra. A visão que o poeta constrói em torno da cidade, de cunho pejorativo e pessimista, é conformada a partir de um possível desejo moral de Gregório, de edificação de uma cidade corrompida pelos vícios próprios de uma colônia altamente miscigenada e sem fé, sem lei e sem rei, conforme discorria Pero de Magalhães Gandavo no *Tratado da Terra do Brasil*, em 1573. Esta crítica constante à cidade da Bahia também tem lastro num desejo de aproximação com hábitos e crenças europeias, considerada naquele período um modelo de civilização. No entanto, de forma contraditória, existia também uma resistência em deixar-se dominar pela cultura portuguesa, o que teve seu sentido de positividade para ajudar a problematizar e despontar, de maneira bastante incipiente, a construção de uma identidade nacional, com aspectos culturais em formação.

Esta importância é destacada em diversos momentos na obra de Ana Miranda, posto que a autora se dedica, em várias passagens, a descrever a cidade da colônia no século XVII em seus múltiplos aspectos, sejam eles físicos ou morais. A importância desse espaço citadino é tamanha que o primeiro capítulo do romance, denominado “A Cidade”, se dedica às descrições e experiências vividas na

Bahia, sobretudo as de cunho subjetivo, como descreve o trecho:

“Esta cidade acabou-se”, pensou Gregório de Matos, olhando pela janela do sobrado no terreiro de Jesus. “Não é mais a Bahia. Antigamente havia muito respeito. Hoje, até dentro da praça, nas barbas da infantaria, nas bochechas dos granachas, na frente da força fazem assalto à vista”. (MIRANDA, 2016, p. 13).

Esta corrupção, esta violência e desregramento explicitados logo no início do romance apontam para uma visão muito peculiar da colônia que está para além da descrição de espaços físicos: avança para uma observação mais atilada da decadência moral que permeava as relações, desde as financeiras baseadas estritamente no mercantilismo da época até as relações pessoais permeadas pela cobiça, pela luxúria, pelo jogo sujo da política. Em **Musa Praguejadora** a ênfase na cidade também é largamente explorada a partir do quadro moral da colônia no século XVII pintado pela autora (2014, p. 237-238):

*Caminha o poeta pelas ruas de sua meninice, ao lado de Gonçalo Ravasco, e comenta Gregório, Como mudou a Bahia! Ele já não conhece as pessoas que passam, ali estão recopiladas gentes de mundos e reinos distintos, persas, ímpios homens de Nação, magores, armênios, gregos, infieis e outros gentios, os ousados mermidônios, assírios de todas as castas, a*

*todos a cidade dá abrigo, mas que santidade têm mais os portugueses e brasileiros do que um turco ou um moabito? Falam mal da cidade. Mas são todos idólatras falsos que adoram o dinheiro, a gula, ambição e amoricos [...] acusam a Bahia de lhes causar danos, mesmo sabendo da inocência da cidade [...] para os bons a cidade é inferno, e para os maus é paraíso.*

Os dois trechos fazem descrições interessantes do tecido social da cidade, composto de nuances diversas movidas pela população que a habita e que traz um arranjo do vasto painel do século XVII na colônia. A população heterogênea, passível da sátira do poeta, é formada por um grande número de pessoas vindas de fora, da metrópole e de outras paragens, circulando pela cidade de forma desordenada, distanciados das ordens vindas da metrópole e de seu verniz civilizado (BOSI, 2013).

Esta percepção da cidade enquanto repositório do rebotalho social vindo da metrópole e de outras partes do mundo exprime certa visão do Brasil colonial baseada no lastro da pesquisa documental. A autora faz uso de um sofisticado trabalho com a linguagem para ficcionalizar as cenas, pintando um quadro do encontro de tipos humanos que fazem com que a cidade se degrade em assaltos, depravações, desmandos. É esse passado que aponta para uma cartografia dessa terra com uma formação popular heterogênea, incitando a uma reescrita da memória da cidade da Bahia. Sobre o método historiográfico José Carlos Reis (1999, p.9) afirma:

Não há um passado fixo, idêntico, a ser esgotado pela História. As esperas futuras e vivências presentes alteram a compreensão do passado. Cada geração em seu presente específico une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir de posições do presente.

Assim, o procedimento literário adotado pela autora toma como ponto de partida o que foi acima colocado: é a partir de uma ótica presente, mais propriamente do século XX, que ela parte para visitar o passado literário, o cotidiano da Bahia no período colonial. Esse passado literariamente retomado traz uma ótica particular, fruto de seu tempo, do momento histórico em que foi escrito (fins da década de 1980 e início do século XXI), fazendo desse modo a seleção a que José Carlos Reis se refere. O passado brasileiro, notadamente os resquícios Bahia colonial do século XVII, é reconstruído por meio de três vias que se entrelaçam: a pesquisa documental, o resgate da memória e o exercício imaginativo da autora.

A relação que considera o enlace emocional que as personagens estabelecem com suas cidades, seu entorno, no romance de Ana Miranda fica bastante evidente, principalmente nas ambivalências que a autora tece entre suas personagens e a cidade, relação que é mais extensamente explorada na figura do protagonista: em algumas passagens sua personagem elogia e enaltece seu

entorno, em outras não se furta em direcionar sua pena ferina à uma terra tão contaminada por pessoas de má procedência, ou mesmo filhos da terra corruptos, de mau caráter, má formação e maus hábitos, distanciados das ordens da metrópole e desvirtuados na burocracia herdada de Portugal, na ganância de governantes, nas pequenas lutas diárias por poder, na exploração desenfreada dos recursos que a colônia possui. É na esteira desta composição que a literatura do próprio Gregório irá se fundar em tom satírico e crítico, denunciando tudo e todos ao por em relevo uma visão de mundo que traz em sua linha de frente as formas ridicularizadoras (HANSEN, 2014) que emolduram a imagem de uma cidade formada por festas e ritos populares e com forte influência da população negra escravizada trazida dos países africanos e que são representadas com bastante frequência principalmente em **Musa Praguejadora**.

Este painel de classes sociais, composto tanto pelas camadas populares já citadas como pela nobreza, pelo clero e pelo judiciário na cidade da Bahia era satirizado constantemente na poesia satírica de Gregório de Matos, um fidalgo de família de origem portuguesa, que demonstrava sua relação dúbia com a cidade, relação esta que é melhor explicada pelo excerto de Alfredo Bosi em **Dialética da Colonização** (1992, p. 95), conforme abaixo citado:

Assim nomeia-se a Bahia, o espaço de vida,  
não como alheio ou estranho à voz do poeta,  
mas imantado pela força das suas paixões;  
não o nome em si, menção abstrata, mas o

nome-para-o-eu, o nome sofrido, o nome a quem o tom exclamativo dá graus de canto; o nome qualificado, *triste*. Ambíguo, aliás, este adjetivo: denota estado de alma depressivo e melancólico; mas também conota a ideia de infelicidade, que partilha com outros nomes da nossa língua, como *desgraçado* e *miserável* sobre os quais paira igualmente uma sombra de culpa. (BOSI, 1992, p. 95)

A triste Bahia de Gregório se configura como um espaço vivido a partir de um contexto histórico peculiar: a decadência do comércio do açúcar (denominado “ouro branco”) e as relações econômicas firmadas entre Portugal e Inglaterra da metade do século XVII para frente, o que auxiliou em grande medida no declínio da fidalguia da qual Gregório fazia parte, permitindo a ascensão de maganos, aventureiros, brichotes, comerciantes e judeus que se inclinavam mais fortemente ao crescimento do comércio da época e, de certa forma, tomavam o lugar da nobreza decadente de sangue português. A mágoa de Gregório de Matos em perder espaço para esse tipo de gente considerada como de mais baixo estrato se manifesta por meio de sua pena de poeta satírico, que vê nessa cidade a decadência econômica e intelectual, a efervescência dos modos burgueses de produção que mercantilizavam tudo o que surgia pela frente. Na finalização do romance *Boca do Inferno* (2016, p. 326), a autora pinta uma bela imagem evocativa da Bahia:

A cidade da Bahia cresceu, modificou-se. Mas haveria de ser sempre um cenário de prazer e pecado, que encantava a todos os que viviam ou a visitavam, fossem seres humanos, anjos ou demônios. Não deixaria de ser, nunca, a cidade onde viveu o Boca do Inferno.

Essa descrição que marca a objetividade do crescimento mas, ao mesmo tempo, releva a subjetividade dos prazeres e pecados que conformavam o caráter da cidade acabam destacando o aspecto legendário da Bahia seiscentista, lugar que desperta uma aura quase mítica, com suas personagens históricas lendárias e seus anônimos que construíram, nas vivências cotidianas, os aspectos cruciais do Brasil colônia que, em alguma medida, permanecem até os dias de hoje.

## Considerações finais

A partir das discussões empreendidas ao longo deste debate foram descritas e discutidas as iniciativas de reconstrução do passado que a autora Ana Miranda fez para trazer de volta o poeta seiscentista Gregório de Matos em duas obras distintas, pondo em relevo a estratégia de criação que comporta simultaneamente ficção e pesquisa em fontes históricas primárias. A apropriação deste passado, reinventado pelo viés ficcional, também passa por uma esmerada recriação de cenários, paisagens, espaços de vivências múltiplas que, em seu sentido mais amplo, dão vida ao texto. Desta forma, aqui nos interessou

compreender as estratégias da autora para unir em seus escritos, a partir de possibilidades como a metaficção historiográfica, literatura e história num movimento de representação da realidade dos seiscentos brasileiros, incluindo as experiências do poeta Gregório de Matos na cidade da Bahia.

Os romances contemporâneos de Ana Miranda que versam sobre a vida do poeta Gregório de Matos não podem ser apenas caracterizados como históricos. A própria autora considera seus romances como “memória, todos descrevem percursos humanos, e todos não passam de pouco mais que o registro dos crimes, loucuras e infortúnios da humanidade” (1998, p. 29). Utilizando-se tanto do discurso histórico quanto do discurso romanesco para criar **Boca do Inferno**, e avançando para a perspectiva que entrelaça biografia, ficção e pesquisa histórica em *Musa Praguejadora*, Ana Miranda apresenta-nos um terceiro discurso que não pode ser definido nem como inteiramente ficção (como ela o caracteriza na capa do livro), nem como inteiramente história (como sugerem as inúmeras fontes bibliográficas apresentadas ao final de cada uma das obras). Há um movimento na voz do narrador que faz o leitor transitar entre ficção e história do mesmo modo que transita entre a prosa de Ana Miranda e a poesia de Gregório de Matos, considerando esse jogo entre campos distintos fundamental para a urdidura de ambos os romances.

Assim, interessou-nos nesta análise a relação entre o discurso da artista que recria o seiscentos brasileiro literariamente e uma possível interpretação da narrativa literária a partir de um diálogo direto com a história

e com a memória. Por meio dos meandros instituídos entre literatura, história e memória pudemos analisar no romance da autora uma mobilização também para pensar um Brasil em processo de formação, na qual são resgatadas as memórias coletivas enquanto formas bem delineadas de memória nacional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARFUCH, Leonor. Antibiografias? Tradução de Dênia Sad Silveira. In: SOUZA, Eneida Maria de; TOLENTINO, Eliana da C.; MARTINS, Anderson B. (Org.). **O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p.13-27. (Humanitas).
- BASTOS, Hermenegildo. A obra literária como leitura/ interpretação do mundo. In: BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana (Org.). **Teoria e prática da crítica literária dialética**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 327-348.
- BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Org.). **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.
- GRÜTZMACHER, Lukasz. Las trampas del concepto “la nueva novela histórica” y de la retórica de la historia postoficial. **Acta poética**, México, v. 27, n. 1, p. 1-26, jan. 2006. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/acta-poetica/index.php/ap/article/view/193>. Acesso em: 02 mai. 2019
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial. Campinas: EdUnicamp, 2004.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, poesia, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MIRANDA, Ana. **“Musa Praguejadora”, de Ana Miranda**. Entrevistador: Claudia Lamego. [Rio de Janeiro]: Editora Record, 2015.
- MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016
- MIRANDA, Ana. **Musa Praguejadora: a vida de Gregório de Matos**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- MIRANDA, Ana. Scott, Lukács e o romance histórico. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 29, set. 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 11-18.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CLAUDIA LETÍCIA GONÇALVES MORAES** é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão - FAPEMA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras -



Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo - Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, atuando na área de Língua Portuguesa com ênfase em estudos discursivos e literaturas de língua portuguesa. Revisora das revistas *Cadernos de Pesquisa* e *RICs*, ambas da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA). Integrante dos Grupos de Pesquisa *Historiografia, cânone e ensino* (UnB) e *Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa* (UFF-UFMA). Organizadora do I e do II Colóquio Interdisciplinar de Literatura e Cultura Negra do Baixo Parnaíba (2018-2019).

## A LINHA DE SOMBRA DA CRÍTICA LATINO-AMERICANA<sup>21</sup>

**Lucilo Antônio Rodrigues**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS

*lucilo@uems.br*

Em minhas análises literárias realizadas durante o curso de graduação em Letras, frequentemente, eu acrescentava uma espécie de *resmungo* contra a própria teoria utilizada. Uma dessas críticas sobreviveu aos anos e se encontra agora em minhas mãos; trata-se do último parágrafo da introdução de um trabalho escolar, no caso, uma análise do conto *Burro sem rabo*, de Fernando Sabino, vamos a ela:

Em suma, após mais esta análise, novamente me deparo com duas situações que não me são novas. Uma é a certeza de que os textos de Fernando Sabino não me agradam e a outra é a sensação de *incompletude* diante da análise. Esta, parece-me sempre profana e feia como os amontoados de seixos e paus ao longo das estradas desertas, onde segundo Shakespeare, enterravam-se os páreas e os excomungados.

---

<sup>21</sup> Este texto, modificado, foi publicado pela primeira vez em 2006 na Revistado COOL-UNIJALES.